

Memória e resistência na cultura do Carimbó: trajetórias da diáspora africana na Amazônia paraense

Data de submissão: 28/03/2025

Data de publicação: 20/10/2025

Odirley Antonio da Silva Medeiros¹
Universidade Federal do Pará
Cametá, Pará, Brasil

Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo²
Universidade Federal do Pará
Cametá, Pará, Brasil

Resumo: Este estudo aborda o Carimbó, reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil, que vai além de uma manifestação artística, ele simboliza a memória e a resistência da diáspora africana na Amazônia Paraense. O objetivo deste estudo é analisar como o Carimbó atua em uma manifestação de memória e resistência cultural, evidenciando as influências da diáspora africana e a preservação de suas tradições. Especificamente, busca-se compreender os elementos históricos e simbólicos presentes no Carimbó e destacar sua relevância como parte do patrimônio afro-amazônico. A partir de uma revisão bibliográfica aportada no exercício de reflexão, destacamos a contribuição de teóricos como Munanga (2004), Carneiro (2003), hooks (2013) e Le Breton (2011, 2015), dentre outros, que fundamentam discussões sobre educação, política e cultura. Esta pesquisa reforça a necessidade de políticas públicas que promovam e protejam a diversidade cultural, contribuindo para a desconstrução de narrativas preconceituosas e a valorização das heranças africanas.

Palavras-chave: Carimbó. Memória cultural. Resistência africana.

Memory and resistance in the Carimbó culture: trajectories of the african diaspora in the Amazon of paraense

Abstract: This study examines Carimbó, recognized as a Brazilian Cultural Heritage site, which goes beyond an artistic expression; it symbolizes the memory and resistance of the African diaspora in the Pará Amazon. The objective of this study is to analyze how Carimbó acts as a manifestation of memory and cultural resistance, highlighting the influences of the African diaspora and the preservation of its traditions. Specifically, we seek to understand the historical and symbolic elements present in Carimbó and highlight its relevance as part of Afro-Amazonian heritage. Based on a literature review informed by this reflection exercise, we highlight the contributions of theorists such as Munanga (2004), Carneiro (2003), hooks (2013), and Le Breton (2011, 2015), among others, who inform discussions on education, politics, and culture. This research reinforces the need for public policies that promote and protect cultural diversity, contributing to the deconstruction of prejudiced narratives and the appreciation of African heritage.

Keywords: Carimbó. Cultural memory. African resistance.

¹ Mestrando em Educação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura na Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins (CUTINS/Cametá). E-mail: odilonbahia@yahoo.com

² Doutor em Educação (Universidade Metodista de Piracicaba). Professor de Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC). E-mail: falabelo@ufpa.br

1. INTRODUÇÃO

O carimbó, expressão cultural originária do estado do Pará, emerge como um símbolo vivo de memória e resistência, conectando as heranças da diáspora africana às dinâmicas culturais da Amazônia. Suas batidas envolventes, os movimentos circulares da dança e os versos que contam histórias do cotidiano revelam um legado que transcende o entretenimento, apresentando-se como um veículo de preservação da identidade cultural afrodescendente. Esse gênero, que remonta aos tempos coloniais, carrega em si a resiliência das comunidades afro-amazônicas, sendo, como aponta Munanga (2004, p. 87), “uma manifestação cultural que mantém viva a memória e os valores das comunidades negras frente às pressões de homogeneização cultural”. Tal apontamento reforça a ideia de que o carimbó não apenas sobreviveu às tentativas de apagamento, mas também se fortaleceu como instrumento de resistência identitária.

Este artigo tem como objetivo analisar o carimbó como uma manifestação de memória e resistência cultural, evidenciando como ele mantém vivas as trajetórias e influências da diáspora africana na região. Ao investigar as narrativas que o carimbó carrega, é possível considerar sua contribuição para a construção de uma identidade afro-amazônica que, como observa Munanga (2004, p. 92), “expressa, através do ritmo e da dança, a persistência das culturas afrodescendentes na construção de sua própria história e identidade”. Essa reflexão permite compreender que o carimbó vai além do campo artístico, pois atua como mecanismo de ressignificação histórica e de reafirmação da presença negra na Amazônia.

A relevância deste estudo é fundamentada na necessidade de compreender o carimbó como parte integrante do patrimônio cultural afro-amazônico. Ao trazer à tona essa manifestação, ressaltamos não apenas sua riqueza artística, mas também sua importância para a preservação histórica e para o fortalecimento da identidade das comunidades afrodescendentes. Como observa Carneiro (2003, p. 82), “as manifestações culturais afro-brasileiras são veículos de ressignificação histórica, permitindo às comunidades negras afirmar sua presença e identidade”. Essa leitura nos leva a perceber o carimbó como uma prática que materializa memórias coletivas, transmitindo a força de um povo que resiste e se reinventa ao longo do tempo.

Explorar o carimbó como uma ponte entre o passado e o presente contribui para valorizar a herança cultural da diáspora africana, reafirmando sua relevância no cenário contemporâneo e promovendo a preservação de sua memória histórica.

O carimbó, muito além de um gênero musical, constitui uma das mais significativas expressões culturais da Amazônia, com raízes profundas nas intersecções das tradições indígenas, africanas e europeias. Esse ritmo, que pulsa ao som da floresta, simboliza a resistência e a afirmação identitária das comunidades amazônicas. Como observa hooks (2013, p. 48), “as práticas culturais negras articulam memória, identidade e resistência, manifestando-se através da música e da dança como formas de preservar e afirmar heranças culturais múltiplas”.

Caracterizado pela percussão vibrante e pelo uso de instrumentos feitos com materiais naturais, como o curimbó — um tambor esculpido em tronco de árvore —, o carimbó ultrapassa as fronteiras da arte para se tornar um ato de memória viva. É no calor das rodas de dança que homens e mulheres recontam as histórias de seus ancestrais, como observa Le Breton (2011, p. 72), “as práticas corporais coletivas, como a dança, permitem a preservação da memória cultural e a afirmação de identidades frente às pressões sociais e históricas”. O carimbó, portanto, é mais do que um simples estilo musical; ele carrega consigo a força da história e da memória dos povos da Amazônia.

Nas comunidades amazônicas, o carimbó transcende a prática artística e se faz presente como um ato comunitário. Ele se associa a festas tradicionais como as de Santo Antônio, São João e São Pedro, em que, como observa Fanon (2008, p. 112), “as manifestações culturais dos povos oprimidos constituem um meio de ressignificação da história e de afirmação da identidade frente às forças de dominação”. Nessas festividades, o carimbó se consolida como um elo de pertencimento e resistência, cantando as paisagens dos rios, os desafios da floresta e a sabedoria ancestral preservada pelas gerações.

Em 2014, o carimbó foi reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro, um reconhecimento que, para Munanga (2004, p. 110), “representa a afirmação das culturas afro-brasileiras e sua importância na preservação da memória e identidade das comunidades locais diante das transformações sociais e ambientais”. O carimbó, ao longo do tempo, incorpora influências modernas, mas sempre preservando a essência que o liga ao passado. Jovens músicos e mestres tradicionais unem-se para criar novas músicas que combinam o tradicional e o moderno, como destaca hooks (2013, p. 57), “renovando as práticas culturais sem perder a memória que as fundamenta, permitindo que novas gerações se conectem com suas raízes”.

O carimbó é, então, muito mais que um ritmo musical: é um manifesto cultural. Ele desafia o tempo e a invisibilidade imposta aos povos da Amazônia, exaltando o protagonismo local e a beleza de um Brasil que dança ao som de suas raízes. Como observa Nilma Lino Gomes (2017, p. 64), “as expressões culturais afro-brasileiras constituem instrumentos de afirmação identitária e de valorização da memória coletiva, conectando gerações e fortalecendo a diversidade cultural”. Da mesma forma, Le Breton (2015, p. 89) destaca que “a dança e a música funcionam como veículos de resistência simbólica, permitindo que comunidades preservem suas tradições e reafirmem sua presença no espaço social”. Dessa forma, nas margens dos rios, nas feiras e nas praças, o carimbó segue encantando e fortalecendo a ligação entre o povo e sua terra.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

As manifestações culturais desempenham um papel central na construção e preservação da memória coletiva, especialmente em contextos marcados por diásporas e resistências históricas, como no caso das comunidades afro-amazônicas. Este referencial teórico busca explorar os

conceitos de memória cultural, resistência e identidade afro-amazônica, destacando a relevância das tradições orais e do carimbó como elementos essenciais para a perpetuação da história e da identidade afrodescendente.

A memória cultural, entendida como o conjunto de práticas e representações que preservam a história de um povo, está intrinsecamente ligada à resistência e à afirmação identitária. Assim, “os lugares de memória não apenas conservam o passado, mas permitem que ele seja reinterpretado e reinventado à luz das necessidades e desafios presentes, funcionando muitas vezes como instrumentos de afirmação cultural e resistência simbólica” (Nora, 2001, p. 12).

No contexto afro-amazônico, práticas como o carimbó carregam traços da ancestralidade africana, indígena e europeia, simbolizando um espaço de resistência cultural. Como observa Moreira (2015, p. 44), “as manifestações culturais negras constituem formas de resistência simbólica, permitindo que comunidades historicamente marginalizadas afirmem sua identidade e presença social”. Nesse sentido, o carimbó pode ser visto como uma expressão de luta e de valorização negra na região amazônica.

As tradições orais desempenham um papel fundamental na manutenção da história e da identidade das diásporas africanas. Dessa forma, “os saberes e narrativas passados de geração em geração constituem instrumentos de resistência cultural, permitindo que comunidades historicamente marginalizadas afirmem sua história e identidade frente à dominação” (Fanon, 2008, p. 97). No caso do carimbó, a oralidade está presente tanto nas letras das músicas quanto nos contos e saberes compartilhados pelas comunidades que mantêm essa prática viva.

Gomes (2017, p. 70) destaca que as músicas e danças tradicionais, como o carimbó, não são meros entretenimentos, mas verdadeiros veículos de comunicação histórica e sociopolítica. São nessas práticas que se encontram simbolicamente representados elementos de resistência às opressões históricas e a celebração da liberdade, preservando memórias e reforçando a identidade cultural das comunidades afrodescendentes.

A resistência cultural manifesta-se na capacidade das comunidades afrodescendentes de ressignificar práticas culturais diante de contextos opressivos. Assim, “as práticas corporais e culturais funcionam como espaços de afirmação identitária, permitindo que grupos marginalizados construam alternativas simbólicas frente aos discursos hegemônicos” (Le Breton, 2011, p. 75).

O carimbó, por exemplo, pode ser lido sob uma ótica decolonial como uma forma de reexistência, termo que indica não apenas a sobrevivência, mas a recriação e a valorização de tradições marginalizadas. Como aponta Moreira (2015, p. 58), as práticas culturais afrodescendentes, como o carimbó, desafiam narrativas hegemônicas e reafirmam a riqueza das matrizes culturais afro-indígenas, fortalecendo a memória coletiva e a identidade das comunidades.

Uma análise teórica da memória cultural, resistência e identidade afro-amazônica evidencia que o carimbó é mais do que uma manifestação artística; é um ato de resistência e uma reafirmação da identidade afrodescendente. Através da oralidade e da ressignificação das tradições, ele mantém viva a história de uma comunidade que luta contra o apagamento e pela valorização de sua herança cultural.

3. A DIÁSPORA AFRICANA E A FORMAÇÃO CULTURAL NA AMAZÔNIA PARAENSE

A presença africana na Amazônia Paraense remonta a séculos de deslocamentos forçados, em que indivíduos trazidos como escravizados deixaram suas marcas indeléveis na formação da identidade cultural da região. Essa diáspora africana, embora marcada pela violência e opressão, também se destacou pela resiliência e capacidade de adaptação, sendo um dos pilares da diversidade cultural amazônica.

O contexto histórico da diáspora africana na Amazônia está intrinsecamente ligado ao período colonial, quando africanos foram trazidos para trabalhar nas lavouras e nos serviços domésticos. A Amazônia, com suas características geográficas e sociais peculiares, tornou-se não apenas um espaço de trabalho compulsório, mas também um refúgio para comunidades quilombolas, que se consolidaram como núcleos de resistência e preservação cultural. Como observa hooks (2013, p. 62), “a diáspora africana envolve não apenas a dispersão física dos povos africanos, mas também a recriação e preservação cultural em novos territórios, garantindo a continuidade da memória e identidade coletiva”.

Nesse processo, os africanos e seus descendentes moldaram práticas, saberes e tradições que enriqueceram a identidade regional. Da culinária típica ao sincretismo religioso, as influências africanas se entrelaçaram com as heranças indígenas e europeias, formando um mosaico único que define a cultura paraense até os dias atuais.

As práticas culturais afro-amazônicas são, ao mesmo tempo, expressão artística e forma de resistência. Manifestações como o carimbó, o lundu e as rodas de marabaixo carregam em suas melodias e ritmos a memória dos antepassados, preservando a identidade cultural frente às adversidades históricas. Essas práticas não só mantêm vivas as tradições africanas, mas também desafiam as narrativas dominantes que historicamente tentaram apagar ou minimizar essas contribuições.

Fanon (2008, p. 118) ressalta que “a cultura constitui um campo de resistência essencial, permitindo que os povos oprimidos afirmem sua humanidade e identidade frente às estruturas de dominação”. Nesse sentido, as comunidades afrodescendentes da Amazônia transformaram suas tradições em ferramentas de luta contra o racismo estrutural e as tentativas de silenciamento.

A memória coletiva desempenha um papel crucial na manutenção da história e da cultura das comunidades afrodescendentes na Amazônia Paraense. Espaços como os quilombos e eventos como o Círio dos Pretos³ são mais do que celebrações culturais; são manifestações de pertencimento e conexão intergeracional.

3 O termo “Círios dos Pretos” designa celebrações religiosas de comunidades afrodescendentes na Amazônia, originadas das irmandades de negros durante o período colonial. Essas manifestações, como o “Círio Negro” em Belém, representam fé, resistência cultural e afirmação da identidade afroamazônica.

Nora (2001, p. 18) afirma que “a memória coletiva desempenha um papel central na preservação das identidades, permitindo que grupos se reconheçam e se afirmem mesmo em contextos de dispersão ou transformação histórica”. Na Amazônia, essa memória é transmitida oralmente, nas histórias contadas por griots, nas danças e nos cânticos que ecoam a ancestralidade africana.

A diáspora africana na Amazônia Paraense não se limita a um capítulo histórico de deslocamento forçado, mas é um processo contínuo de construção de identidades, resistência e ressignificação cultural. Suas raízes estão profundamente entrelaçadas com a formação da identidade regional, evidenciando a força das práticas culturais afrodescendentes como pilares da diversidade amazônica.

Preservar essa história e celebrar essas contribuições é não apenas um ato de justiça histórica, mas também uma forma de garantir que as vozes e memórias de comunidades afro-amazônicas continuem a enriquecer o tecido cultural brasileiro. Nesse contexto, “cada prática cultural carrega consigo a memória e os valores de uma civilização, funcionando como um elo entre passado e presente” (Le Breton, 2015, p. 102). Na Amazônia Paraense, a presença africana é esse mundo, vivo e pulsante.

4. O CARIMBÓ COMO PATRIMÔNIO DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

O Carimbó, declarado patrimônio cultural imaterial do Brasil, representa a junção de influências afrodescendentes e indígenas, tornando-se um emblema da resistência e da valorização da identidade afro-amazônica. No contexto educacional, sua importância ultrapassa o aspecto recreativo, funcionando como um recurso pedagógico que incentiva a valorização da diversidade cultural, fomenta a inclusão social e fortalece as práticas educativas voltadas para a comunidade.

O Carimbó evoca as interpretações indígenas e africanas sobre a relação entre ser humano e natureza, que se distanciam da visão hegemônica, derivada de uma perspectiva bíblica criacionista que posiciona o homem como dominador do ambiente, associada a um projeto iluminista baseado na experimentação e matematização do mundo, além dos ideais de progresso impostos pela colonização e pelo avanço do capitalismo. Refletir sobre representações em que o ser humano é concebido como parte integrante, e não oposto à natureza, pode fomentar a crítica à visão dicotômica predominante e às práticas destrutivas que dela decorrem. Assim, o Carimbó é entendido como uma expressão que traduz experiências contra-hegemônicas, alinhadas às epistemologias do Sul — um conjunto de saberes e práticas construídos por diferentes povos, culturas e contextos históricos, desvalorizados e marginalizados ao longo do processo de colonização e pela lógica dominante até os dias atuais (Huertas, 2014, p. 95).

O Carimbó é uma manifestação cultural afro-amazônica que carrega em seus ritmos, danças e tradições uma rica história de ancestralidade e resistência. Originado nas comunidades amazônicas, especialmente no Pará, o Carimbó é fruto do encontro entre as influências indígenas e africanas, que, sob o impacto da colonização, formaram uma expressão única e vibrante.

Inicialmente associado às comunidades ribeirinhas e quilombolas, o Carimbó era mais que uma forma de entretenimento; era uma prática coletiva que fortalecia laços comunitários e assegurava a transmissão de valores e saberes ancestrais. Como destaca Costa (2010, p. 62), “o carimbó é uma expressão cultural que surgiu na zona interiorana paraense, que se expressa através da música, dança, religiosidade, lazer e trabalho”. A evolução dessa prática cultural trouxe novas dinâmicas, mas o Carimbó preservou suas raízes, reafirmando a importância de reconhecer suas origens afro-amazônicas.

A dança do Carimbó, com movimentos circulares e repletos de ginga, simboliza a conexão com a terra e a coletividade. Os trajes típicos, como as saias rodadas das mulheres e as camisas leves dos homens, remetem à simplicidade das comunidades ribeirinhas e à valorização da identidade afro-amazônica. Como ressalta que “cada passo, cada gesto e cada canto nas tradições afro-brasileiras expressa resistência, pertencimento e a continuidade das memórias culturais” (Carneiro, 2003, p. 75).

Mais que uma expressão artística, o Carimbó é uma forma de resistência cultural que se mantém viva apesar das pressões da globalização e das tentativas de homogeneização cultural. Durante muito tempo marginalizado, o Carimbó ressurge como uma força de empoderamento, reafirmando a herança africana na Amazônia e lutando contra o apagamento cultural.

O reconhecimento do Carimbó como Patrimônio Cultural Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2014 foi um marco fundamental, garantindo maior visibilidade e proteção a essa manifestação. “Ao reconhecer as expressões culturais afro-brasileiras como patrimônio, afirma-se a memória e a resistência de um povo que encontrou na música, na dança e nos ritmos tradicionais formas de preservar sua identidade e enfrentar o silenciamento histórico” (Gomes, 2017, p. 82).

O Carimbó é, portanto, um legado que vai além da estética. Ele é a memória viva de um povo que, por meio da música, perpetua suas histórias, resiste às opressões e mantém acesa a chama da identidade cultural afro-amazônica.

As narrativas orais são um patrimônio imaterial que conecta as gerações, promovendo a valorização das raízes culturais e preservando identidades. No contexto das comunidades praticantes do Carimbó, a oralidade desempenha um papel crucial, sendo não apenas um veículo de transmissão de conhecimento, mas também uma forma de resistência cultural. Como observa Nora (2001, p. 20), “a memória coletiva serve como elo entre passado e presente, permitindo que grupos preservem sua história e construam identidades compartilhadas”. Dessa forma, as histórias e memórias compartilhadas dentro dessas comunidades reafirmam laços ancestrais e fortalecem a construção de uma memória afro-amazônica coletiva.

O Carimbó, mais do que uma expressão artística, é um símbolo de identidade e pertencimento afrodescendente na Amazônia Paraense. A prática dessa manifestação cultural, com seus ritmos, danças e tradições, reflete a riqueza das contribuições africanas e indígenas na formação cultural da região. “A identidade cultural é fruto de processos históricos e sociais que reafirmam a memória e a presença das comunidades afro-brasileiras em seus territórios” (Gomes, 2017, p. 53). Assim, ao adotar o Carimbó como parte de sua rotina, as comunidades reafirmam suas origens, resistindo às pressões homogeneizadoras e criando espaços de afirmação e orgulho étnico.

O impacto social e cultural do Carimbó transcende as esferas artísticas, desempenhando um papel transformador na formação de uma consciência afro-amazônica. Por meio dele, há uma constante preservação da memória coletiva, essencial para combater o apagamento histórico e reforçar a resistência frente ao racismo estrutural. Como ressalta Carneiro (2003, p. 48), “a luta pela memória das comunidades negras é simultaneamente uma luta pelo direito à existência e ao reconhecimento social”. Nesse sentido, o Carimbó emerge como um mecanismo de empoderamento, reavivando narrativas e consolidando uma consciência social que valoriza a diversidade e o legado afrodescendente.

As trajetórias e narrativas do Carimbó demonstram sua relevância não apenas como prática cultural, mas também como elemento essencial para a construção de uma identidade afro-amazônica robusta. Ao ser transmitido de geração em geração, o Carimbó continua sendo uma força vital na preservação das memórias e na promoção da inclusão e do reconhecimento das populações afrodescendentes no Brasil.

O Carimbó, expressão cultural afro-amazônica de profundas raízes históricas, transcende sua condição de manifestação artística, representando uma memória viva de resistência, identidade e pertencimento. No contexto educacional, seu potencial vai além da estética, sendo uma poderosa ferramenta para promover o respeito e a valorização da cultura afro-amazônica. Dessa forma, percebe-se como o Carimbó pode ser integrado às práticas educativas, destacando sua relevância para memória, currículo e conscientização cultural.

5. CARIMBÓ E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Incorporar o Carimbó às práticas pedagógicas é abrir espaço para que os estudantes reconheçam a riqueza da diversidade cultural brasileira. Oficinas de música, dança e artesanato inspirados no Carimbó podem ser utilizadas para explorar aspectos da história, da oralidade e da musicalidade afro-amazônica. Além disso, essas práticas ajudam a promover o respeito às tradições de povos que resistem à invisibilidade.

Como observa Gomes (2017, p. 71), a educação deve ser um instrumento de transformação cultural e social. Ensinar sobre o Carimbó não é apenas um convite para aprender sobre ritmos ou instrumentos, mas também uma forma de desenvolver o senso crítico sobre questões como identidade, racismo e a marginalização das culturas afro-indígenas, promovendo o reconhecimento e valorização das tradições afrodescendentes na formação social e cultural dos estudantes.

A inclusão do Carimbó nos currículos escolares é essencial para preservar a memória cultural e desconstruir visões eurocêntricas que predominam no ensino. Por meio de disciplinas como história, artes e literatura, é possível abordar o Carimbó como símbolo da resistência afro-amazônica e como uma prática viva que moldou comunidades da região Norte do Brasil.

Fonseca (2010, p. 61) destaca que a construção de um currículo inclusivo é crucial para reconhecer e valorizar as culturas e histórias de grupos historicamente marginalizados. A ausência de expressões culturais como o Carimbó no ambiente escolar reforça o apagamento cultural, enquanto sua inclusão contribui para fortalecer a identidade nacional e preservar a memória coletiva afro-brasileira.

A educação desempenha um papel fundamental na conscientização da importância do Carimbó como um patrimônio cultural imaterial do Brasil. Sua história é marcada pela resistência à colonização e à tentativa de apagamento das identidades afro-indígenas. Trabalhar essa consciência com os estudantes é estimular um olhar crítico sobre o presente e o passado, promovendo a valorização de práticas culturais marginalizadas.

Carneiro (2003, p. 67) afirma que a cultura constitui um espaço de resistência e afirmação identitária. Nesse sentido, ensinar sobre o Carimbó configura uma prática política que confronta desigualdades históricas e incentiva o reconhecimento da diversidade cultural. Os educadores, ao integrar essas discussões em suas práticas, promovem a formação de indivíduos conscientes da importância da valorização e preservação das tradições afrodescendentes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Integrar o Carimbó ao ambiente educacional não é apenas uma maneira de preservar um patrimônio cultural, mas também de transformar a educação em um espaço de respeito, resistência e conscientização. Por meio de práticas educativas criativas e inclusivas, é possível valorizar a memória afro-amazônica e formar cidadãos conscientes de seu papel na preservação das riquezas culturais brasileiras. Como enfatiza Gomes (2017, p. 89), “a educação que reconhece e integra saberes afro-brasileiros promove a construção de uma consciência crítica e o fortalecimento da identidade cultural das novas gerações”.

Com iniciativas que incluam o Carimbó no currículo e nas práticas pedagógicas, a educação pode se tornar um espaço de resistência, celebração e transformação. Dessa forma, contribuímos para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

O Carimbó, como manifestação cultural da Amazônia Paraense, desempenha um papel vital na preservação da memória afro-amazônica e na resistência contra os processos históricos de apagamento cultural. Sua música, dança e simbolismo são a expressão de uma identidade coletiva que resiste à homogeneização e à invisibilidade imposta por séculos de marginalização. Como vimos, essa tradição transcende sua dimensão artística, funcionando como um meio de conscientização e fortalecimento da cultura afrodescendente, especialmente no contexto educacional.

Ao longo desta reflexão, destacamos a importância do Carimbó como um elo entre a história e a resistência cultural na Amazônia. Sua integração às práticas educativas não apenas resgata a memória das comunidades afrodescendentes, mas também promove o reconhecimento e a valorização de sua contribuição para a formação da identidade regional e nacional. O Carimbó é mais do que uma expressão folclórica; ele é um símbolo de luta, de preservação de saberes e de reafirmação de pertencimento.

Integrar o Carimbó nas práticas educacionais oferece uma oportunidade única para fortalecer a identidade afrodescendente nas escolas e para transformar o ambiente de aprendizagem em um espaço de resistência cultural. Ao trabalhar com o Carimbó, os educadores têm a chance de promover uma educação inclusiva e plural, onde as tradições afro-amazônicas são celebradas, respeitadas e reconhecidas como parte fundamental da história e da cultura do Brasil. Além disso, essa abordagem pode atuar como uma ferramenta de conscientização, promovendo não apenas o conhecimento, mas também o respeito à diversidade cultural e o combate ao racismo estrutural.

Como ressalta Hall (2003, p. 45), a cultura é um espaço de disputa constante, onde significados são construídos e contestados. Nesse cenário, o Carimbó configura-se como uma forma de resistência ativa, reivindicando visibilidade e reconhecimento. Sua inclusão no currículo escolar reafirma que as culturas historicamente marginalizadas possuem valor próprio e devem ser preservadas, não como elementos exóticos ou distantes, mas como componentes essenciais para a formação da sociedade brasileira.

A relação entre memória, cultura e resistência na tradição afro-amazônica, representada pelo Carimbó, oferece um vasto campo de investigação para futuras pesquisas. Estudar as implicações educacionais da inclusão do Carimbó nas escolas pode revelar novos caminhos para o fortalecimento da identidade afrodescendente nas gerações mais jovens. Além disso, seria relevante explorar as maneiras como o Carimbó pode ser utilizado como ferramenta de empoderamento nas comunidades afro-amazônicas, atuando também na preservação do patrimônio cultural imaterial e na resistência às pressões culturais externas.

Outros possíveis eixos de pesquisa incluem a análise do Carimbó em diferentes contextos educativos, como escolas rurais ou indígenas, e como ele pode se conectar com outras expressões culturais afro-brasileiras e indígenas para criar um currículo mais integrado e representativo. Em um nível mais amplo, investigar como o Carimbó pode contribuir para uma maior valorização da Amazônia enquanto um espaço cultural plural e rico é essencial para o entendimento das relações entre cultura, política e educação na região.

O Carimbó, mais do que um patrimônio cultural da Amazônia, é uma expressão viva de resistência, memória e identidade. Sua presença nas práticas educativas é fundamental para promover uma educação mais inclusiva, que valorize as culturas afrodescendentes e as inclua no processo de construção do conhecimento. Ao integrar o Carimbó no currículo escolar e em outras práticas educacionais, estamos não apenas preservando uma tradição, mas também construindo uma sociedade mais justa, plural e consciente de sua rica diversidade cultural.

7. REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. **As relações raciais no Brasil**. São Paulo: Pallas, 2003.

COSTA, T. L. Música, literatura e identidade amazônica no século XX: o caso do carimbó no Pará. **Art Cultura**, Uberlândia, v. 12, n. 20, p. 61-81, 2010. Disponível em: <https://www.rbhdr.net/revista/index.php/rbhdr/article/download/5988/1034/13288>. Acesso em: 21 ago. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FONSECA, Edson Nery da. **Educação, cultura e diversidade: práticas pedagógicas e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, cultura e identidade: perspectivas afro-brasileiras**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

HALL, Stuart. **Cultura: identidade e representação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HUERTAS, Bruna Muriel. O carimbó: cultura tradicional paraense, patrimônio imaterial do Brasil. **Revista CPC**, São Paulo, n. 18, p. 81–105, dez. 2014/abril 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i18p81-105>

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo: cultura e identidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

LE BRETON, David. **O corpo e o cotidiano: práticas culturais e resistência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MOREIRA, Gabrielle da Costa. **Cidade, cultura e resistência: O Novo Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e a cultura carioca**. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade negra, racismo e políticas públicas**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: NORA, Pierre (Org.). **Memória e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.